

A Monstruosidade Xenófoba de Lovecraft: racismo e radicalismo nas criações literárias de um conservador

Yuri Garcia

Professor credenciado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom-UERJ). Estagiário de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCom-UAM) no projeto “Mapeamento de conteúdos audiovisuais fraudulentos em plataformas digitais e o papel da alfabetização midiática no enfrentamento à desinformação” com bolsa Capes (PDPG). Coordenador do grupo de pesquisa “POPMID: Reflexões sobre Gêneros² e Tendências em Produções Midiáticas”. Doutor e Mestre em Comunicação Social, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: yurigpk@hotmail.com

Resumo: Este artigo procura apresentar uma leitura sobre os aspectos xenófobo, radical, conservador e elitista do escritor de contos de horror Howard Phillips Lovecraft. Seu universo literário, seu panteão teratológico, sua mitologia cósmica e sua perspectiva filosófica pessimista apresentam uma profunda aderência em nossa cultura contemporânea, porém representam elementos em sua fundação que dialogam com as crenças pessoais do escritor – sobretudo seu posicionamento extremamente problemático acerca de determinados temas. Por meio de referenciais teóricos que promovam uma maior contextualização do pensamento de Lovecraft, tentaremos aprofundar o debate quanto às suas criações e sua *persona*, e relacionar as convicções pessoais do autor com seu universo criativo – e sua penetração em nosso imaginário cultural.

Palavras-chave: Lovecraft, xenofobia, horror, racismo, conservadorismo.

La monstruosidad xenófoba de Lovecraft: racismo y radicalismo en las creaciones literarias de un conservador

Resumen: Este artículo busca analizar los aspectos xenófobo, radical, conservador y elitista en el escritor de cuentos de terror Howard Phillips Lovecraft. Su universo literario, su panteón teratológico, su mitología cósmica y su perspectiva filosófica pesimista tienen una profunda adherencia en nuestra cultura contemporánea, pero presentan elementos en su fundamento que dialogan con las creencias personales del escritor –en especial su posición sumamente problemática sobre ciertos temas. A partir de teóricos que promueven una mayor contextualización del pensamiento de Lovecraft, se intentará profundizar en el debate sobre sus creaciones y su persona, y relacionar las convicciones personales del autor con su universo creativo y su inserción en nuestro imaginario cultural.

Palabras-clave: Lovecraft, xenofobia, horror, racismo, conservatismo.

The Xenophobic Monstrosity of Lovecraft: racism and radicalism in the literary creations of a conservative

Abstract: This article seeks to present a reading of the xenophobic, radical, conservative, and elitist aspects of the horror story writer, Howard Phillips Lovecraft. His literary universe, his teratological pantheon, his cosmic mythology, and his pessimistic philosophical perspective show a deep adherence to our contemporary culture, but they represent elements in their foundation that dialogue with the writer’s personal beliefs – especially his extremely problematic position on certain themes. With theoretical references that promote a greater contextualization of Lovecraft’s thought, we will try to deepen the debate regarding his creations and his persona and relate the author’s personal convictions with his creative universe – and their penetration into our cultural imagination.

Keywords: Lovecraft, xenophobia, horror, racism, conservatism.

Em 2020, a HBO estreou a esperada série *Lovecraft Country*, criada por Misha Green e produzida por Jordan Peele e J. J. Abrams. Sucesso de crítica e bilheteria, trazia um debate sobre racismo nos Estados Unidos evocando elementos da mitologia criada pelo escritor H. P. Lovecraft. Para parte do público, essa produção parecia apenas uma história de horror que trazia o debate racial tecendo questões que colocam em xeque o verdadeiro lado monstruoso do humano como, possivelmente, mais aterrorizante do que as criações metafísicas que o gênero costuma apresentar. Para outros (sobretudo quem conhecia melhor alguns detalhes da vida de Lovecraft), se tornava uma produção peculiar – visto que o escritor tecia grandes críticas a qualquer raça que não fosse a sua, de origem europeia.

Nesse sentido, a série evoca uma questão que parece ganhar maior visibilidade com o passar do tempo: o pensamento radical, xenófobo e conservador de H. P. Lovecraft. Nascido em 1890, na cidade de Providence, nos Estados Unidos, o escritor vinha de uma família que podia ser traçada aos primeiros colonizadores ingleses que vieram para o país. Com a morte precoce do pai, foi criado, sobretudo por sua mãe, tias e avô. Morreu em 1937, decorrente de uma internação por causa de um câncer e má nutrição – visto que passou seus últimos anos de vida em uma situação beirando a miséria.

Em vida, não chegou a se tornar um artista de grande repercussão e sempre foi marcado por uma enorme dificuldade para conseguir um emprego ou se sustentar por meio de sua escrita, tendo sido apenas um autor de contos e ensaios publicados em revistas amadoras (*Weird Tales*, *Amazing Stories* etc.). Uma de suas maiores frustrações foi não ter conseguido publicar um livro de sua autoria enquanto vivo. Mesmo assim, tinha fiéis seguidores do seu trabalho, que contribuíram para fazer algumas de suas últimas obras chegarem às prensas.

Lovecraft não é reconhecido por uma história em particular, mas pelo criativo e complexo desenvolvimento de uma mitologia que podemos encontrar permeando a maioria de suas narrações. O princípio central de sua escrita é sua perspectiva filosófica, pessimista e cósmica. Grande admirador de astronomia, o autor percebe a grandeza do universo e seu desconhecido como ponto central, colocando o ser-humano tal qual uma pequena poeira cósmica em um espaço de proporções infinitas.

Suas criações, no entanto, são mais obscuras, nos apresentando seres indescritíveis e criando universos que ultrapassam os limites da racionalidade. Seu mundo imaginário representa o ser humano como criatura abandonada em um cosmos indiferente à sua existência, dando forma a uma peculiar mitologia não (ou mesmo anti) antropocêntrica. Todavia, a *persona* do autor é refletida em suas criações literárias, deixando alguns traços de seus posicionamentos mais evidentes após um olhar mais analítico e cuidadoso.

Este artigo procura investigar o aspecto xenófobo, radical, conservador e elitista de H. P. Lovecraft, por meio de análises de sua criação mitológica – que identificaremos como pessimismo cósmico – e de sua biografia. Assim, o objetivo será tentar aprofundar o debate quanto aos problemas em suas criações e em sua *persona*, e relacionar as convicções pessoais do autor com seu universo criativo literário – e sua penetração em nosso imaginário cultural.

O Radicalismo Xenófobo de Lovecraft

Abdul Alhazred é um personagem fictício que Lovecraft, supostamente, criou em sua infância. Um certo conteúdo racista em sua descrição não é mera coincidência. Descrito como o “árabe louco”, é o escritor do *Necronomicon*, um grimório que tem segredos assustadores. Inicialmente, pode parecer que as utilizações dos adjetivos “árabe” e “louco” estão apenas a serviço de uma descrição de alguém que descobriu verdades sobre o universo e foi levado à eterna loucura. Todavia, exista uma complexidade um pouco maior por trás dessa escolha.

O árabe louco também é o indicativo de uma perspectiva de Lovecraft acerca das diferentes etnias, nesse caso, os árabes. A ideia não é apontar que todo árabe é louco ou que Abdul Alhazred é louco porque é árabe. De forma mais sutil, o escritor aponta que os povos não europeus estão atrelados às práticas arcanas e condenáveis.

A utilização do adjetivo “louco” é apenas uma forma de realçar uma característica de um personagem árabe. Seria mera coincidência todos os narradores de seus contos (todos homens brancos americanos e/ou europeus) não serem *adjetificados* de loucos em suas descrições, mesmo sendo levados a uma inevitável loucura no final das histórias?

A vida de Lovecraft é cercada de pensamentos conservadores e xenófobos. Nesse quesito, seu racismo tem sido uma questão de grande destaque, sendo encontrado das mais diversas formas em suas criações. A xenofobia, conservadorismo e elitismo lovecraftianos acabam se tornando um segredo obscuro que é mais bem percebido por quem adentra sua vida e seus contos de forma mais dedicada. A cultura contemporânea, de forma geral, percebe um artista inovador e responsável pelo desenvolvimento de uma perspectiva filosófica pessimista a anti-humanista e um rico panteão teratológico, mitológico e cósmico.

Muitas pesquisas e bibliografias sobre o autor não apontam esse aspecto, ou, apontam e o justificam, quase aceitando suas opiniões como um “pequeno equívoco” – sem o responsabilizar devidamente pela disseminação de uma obra que deve ser lida com mais atenção e cuidado. Não estamos a condenar os trabalhos que não abordam a xenofobia, o conservadorismo e o elitismo de Lovecraft. Apenas indicamos uma grande necessidade de ampliar esse debate trazendo mais esse assunto ao campo acadêmico.

Enquanto alguns tecem duras (e merecidas críticas) ao escritor, outros se posicionam em sua defesa. Seria tudo muito simples se Lovecraft fosse defendido apenas por homens brancos, heterossexuais, cis etc. No entanto, é defendido por pessoas que compõem grupos que seriam justamente o alvo de todo preconceito lovecraftiano. Por outro lado, também não é atacado apenas por pessoas que fazem parte de uma representação de minorias de poder – o que indica uma complexa variedade de posicionamentos em relação ao assunto.

A própria literatura do escritor é repleta de traços xenófobos. Seus ensaios, diários e cartas permitem uma fácil análise de sua pessoa, com seus pensamentos e opiniões diversas. O problema, no entanto, reside na relevância de Lovecraft como figura literária. A grande questão é que, além de ser um nome de importância artística, seu xenofobismo é refletido em suas criações. Sua mitologia herda essas noções, seu pessimismo cósmico metaforiza sua aversão à diferença e à mistura racial, assim como de uma ameaça à hegemonia supremacista branca que tanto defendia.

Essa mitologia e seu pessimismo cósmico, mesmo cercados dessas marcas tão fortes, são reaproveitados na cultura contemporânea retirando esse viés xenófobo. Além disso, são apropriados das mais variadas formas, pelas mais variadas pessoas. Gênero, cor, opção sexual, credo, nada impede um gosto, uma atração às criações lovecraftianas – como na citada série *Lovecraft Country* (2020), de Misha Green. O universo de Lovecraft é visto em suas reelaborações sem esse xenofobismo, embora sua estrutura narrativa fosse marcada por essa crença. Suas opiniões políticas, culturais e sociais de um absurdo radicalismo e xenofobismo serviam como alicerces de sua obra.

O encontro com Howard Philips Lovecraft é um assunto bastante dialético. No início, a pessoa fica fascinada com os mundos intrigantes, estranhos e fantásticos que ele transmitiu, a que o leitor moderno é frequentemente apresentado através da mídia cultural *pop*. Sua criação mais famosa, Cthulhu, é uma figura proeminente entre todos aqueles vilões desumanos, aqueles monstros que a literatura e o cinema produziram, desde o Polyphemus até o Alien de Giger. Mas o próprio criador não compartilha a fama de sua criação. Não, é como se sua pessoa estivesse cercada por uma misteriosa névoa de incerteza, e o assunto HPL é tocado pelo leitor normal, principalmente em algum tipo de abordagem *hit-and-run*, fornecendo apenas algumas impressões superficiais. Não é de admirar, já que nesta segunda fase do encontro, as profundezas abismais do caráter de Lovecraft aparecem, expondo seu reacionarismo político, ódio racial e atitude (aparentemente) não mundana. O leitor moderno é apanhado e envergonhado de sua inclinação para o mundo poético e intelectual de tal pessoa. (Münchow, 2017, p. 39, tradução nossa)

Assim, a recepção da obra de Lovecraft tem seu fator paradoxal. É importante destacar que não é um autor adorado apenas por sua supremacia branca, mas conta

com uma vasta gama de admiradores mulheres, homossexuais, negros, judeus, latinos, indianos e de diversos outros grupos considerados minoritários e dos quais Lovecraft era um grande crítico. “O medo do suicídio racial nunca esteve longe da superfície das concepções de Lovecraft. Ele era um racista declarado por quase toda a sua vida, não apenas suspeitando dos não Yankees, mas temendo todos eles.” (Buhle, 1976, p. 125, tradução nossa)

Esse aspecto de Lovecraft sempre existiu e essa discussão não é recente. O ápice da repercussão a esse seu lado talvez tenha sido em 2010, quando escritores criaram uma petição para retirar seu busto do prêmio do *World Fantasy Award*. Receber um prêmio literário com o rosto de um célebre racista não agradava aos ganhadores, principalmente os que faziam parte dos grupos minoritários em questão¹. Apesar disso, houve, também, um abaixo-assinado *on-line* tentando manter a estatueta do escritor². As defesas do autor eram, sobretudo, por parte de seus fãs mais acirrados – nesse sentido, até seu mais famoso biógrafo S. T. Joshi se posicionou contra a substituição do prêmio.

Em um pequeno texto sobre o assunto na revista *The Atlantic*, a jornalista Lenika Cruz mostra alguns dos argumentos de Joshi e os contrapõe com a importância de algumas mudanças no cenário cultural a serem feitas, mesmo que pequenas. Ao final, também indica que não se trata de uma tentativa de apagamento de Lovecraft e suas criações – sobretudo porque sua mitologia (sem o caráter xenofóbico) prevalece por intermédio da obra de outra série de artistas³.

¹ Para uma boa explicação sobre a cronologia de eventos em torno do debate sobre o assunto, conferir os artigos: <https://www.theverge.com/2017/4/15/15308118/world-fantasy-award-h-p-lovecraft-toxic-legacy> e <https://www.theguardian.com/books/2015/nov/09/world-fantasy-award-drops-hp-lovecraft-as-prize-image>.

² Em seu *blog*, o escritor Jim C. Hines levanta a questão do embate sobre os posicionamentos divergentes – apesar de, ao final, concordar com a substituição do prêmio. Conferir: <https://www.jimchines.com/2014/10/lovecraft-apologists-and-the-world-fantasy-award/>.

³ Conferir: <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2015/11/hp-lovecraft-world-fantasy-awards/415485/>



Figura 1: World Fantasy Award 2005

Nota. <http://johnpicacio.com/onthefront/2015/11/17/the-new-world-fantasy-award-whats-next/>.

A grande parte dessa repercussão se deu na internet, em sites de revistas e *blogs* – ganhando, eventualmente, petições sobre a mudança ou permanência da estatueta. Após alguns anos de discussão e muita polêmica, foi anunciado em 2016, na premiação de 2015, que o trofeu seria trocado. No ano seguinte, durante a premiação relativa à 2016, um novo trofeu, com uma árvore em frente a uma lua cheia foi apresentado, substituindo o busto de Lovecraft.



Figura 2: World Fantasy Award 2016

Nota. https://en.wikipedia.org/wiki/World_Fantasy_Award.

Em 2017, um artigo online de Wes House na *Literary Hub* intitulado “We Can’t Ignore H. P. Lovecraft’s White Supremacy: lovecraftian narratives of race persist in contemporary politics” ficou famoso por se posicionar, praticamente, como um manifesto contra o autor.

Enquanto as histórias modernas de genocídio branco, superpredadores e a suposta raça mestra encontrarem um solo fértil em solo americano, a relevância contemporânea de Lovecraft se estenderá além do que alguns fãs gostam de admitir. Suas narrativas de intolerância e raça não podem ser lavadas, colhidas ou varridas para debaixo do tapete em favor de suas técnicas e realizações literárias mais conhecidas – especialmente quando insurgentes de direita obcecados com orgulho afirmam-no como um verdadeiro elaborador de horrores reacionários. Suas histórias e política ainda estão respirando, mesmo as mais contaminadas e podres entre elas. (House, 2017, tradução nossa)

Lovecraft chegou a escrever poemas e manifestos demonstrando um extremo radicalismo com pesados tons racistas, já deixando clara sua opinião a esse respeito em seus escritos desde os quatorze anos. Em alguma instância, o autor foi um produto de seu meio. Sua forma de pensar vai se modificando ao longo do tempo e podemos ver sua trajetória de vida como responsáveis por várias dessas mudanças. Sua criação e vivência foram moldando sua forma de pensar e escrever.

A política durante o relativamente tranquilo governo republicano dos anos 1920 tornou-se para Lovecraft menos uma questão de crise imediata do que uma oportunidade para a especulação teórica. Foi durante essa época que ele desenvolveu suas noções de aristocracia e “civilização”, ideias que passariam por profundas modificações com o despontar da Depressão, retendo, porém, suas ideias gerais e levando à elaborada evolução do seu “socialismo fascista”. (Joshi, 2014, p. 136)

Apesar de suas opiniões equivocadas, foi melhorando sua forma de ver o mundo com o tempo (infelizmente em passos lentos e não sem deixar suas marcas em seus contos). “No final de sua vida, as realidades do nazismo e as discussões científicas sobre raça o chocaram de seus mitos racistas; como Pound, ele percebeu tarde demais que seus equívocos o tornaram um tolo.” (Buhle, 1976, p. 126, tradução nossa)

A convivência com diversidade foi extremamente importante nesse processo. Um antisemita que acabou casando-se com uma judia, um homofóbico que tinha grandes amigos homossexuais (embora não seja claro se Lovecraft sabia da sexualidade de seus amigos). A convivência foi a ferramenta para um amadurecimento tardio do escritor nessas questões. Assim foi a relação de aprender a lidar com o diferente em sua vida. Ou, como o próprio autor destacava com ajuda de metáforas em seus contos, o desconhecido. “De maneira mais geral, a crescente heterogeneidade racial e social de sua sociedade era para Lovecraft o maior símbolo da *mudança* – mudança que acontecia rápido demais para que ele a aceitasse.” (Joshi, 2014, p. 410)

Lovecraft, foi, sem dúvida, um autor muito problemático. Sua dificuldade em lidar com tudo que não era familiar a sua vida pacata era visto como uma certa ameaça ou perigo. Sua criação parece ter sido um fator importante para sua xenofobia.

Apesar das dúvidas que existem sobre a *causa mortis* do pai, a corrente é que Sarah e ele morreram loucos. Foi nesse ambiente, rondado pela loucura, na casa dos avós paternos, superprotegido pelas tias e pela mãe – neurótica e possessiva – que ele cresceu, cercado de velhos móveis empoeirados, alheio às demais crianças. A mãe nunca o deixou esquecer-se de que era de estirpe britânica, estranho ao “terrível país” no qual viviam. Essa educação vai fazer dele um *outsider* no sentido amplo da palavra. (Zacharias, 1996, p. 19)

Educado por uma mãe que se afogava com o tempo em um mar de loucura. Isolado e superprotegido, com a crença em uma supremacia de sua ancestralidade. Assim, o pequeno Lovecraft já cresce em um meio à hostilidade, sobretudo em relação à diferença, e com um sentimento de superioridade de sua linhagem de origem europeia. Suas opiniões acabam não sendo apenas suas, mas são refletidas em grande parte de sua obra.

Judeus, negros, poloneses, sírios, quanto mais afastados do velho povo da Nova Inglaterra melhor – em muitas de suas histórias, esses eram os meios pelos quais os Antigos Deuses horríveis e maravilhosos retornariam e dariam à civilização existente a destruição que haviam herdado (“Haunter in the Dark”). (Buhle, 1976, p. 126, tradução nossa)

A opinião de Lovecraft demonstra um evidente xenofobismo. Um purismo anglo-europeu seria seu padrão de excelência. O próprio escritor seria uma forma impura nesse caso. Apesar de sua linhagem anglicana, havia nascido nos Estados Unidos. Era um fruto de um continente tribal colonizado por aqueles que ele julgava superiores. Qualquer pessoa que saísse desse padrão anglo-europeu lovecraftiano era uma espécie inferior. Acreditava em um purismo racial que acabou por fazê-lo se sentir atraído por ideologias mais extremas.

Apoiou a ascensão de Mussolini ao poder na Itália e se encontrava atraído por boa parte da ideologia fascista. S. T. Joshi (2014) indica uma falta de compreensão política de Lovecraft, evitando uma relativização de suas posturas, mas procurando apontar para a ingenuidade atrelada a uma criação conservadora e aristocrática – mais baseada na sua crença de pureza e forte sentimento de anglicanismo do que pelo viés financeiro.

Ninguém deveria se surpreender com o fato de Lovecraft ter apoiado a ascensão de Mussolini ao poder na Itália (no fim de outubro de 1922) e de sentir-se atraído pela ideologia fascista – ou, de qualquer forma, pelo que ele pensava que ela era. Duvido que Lovecraft tivesse qualquer real entendimento das forças políticas internas que levaram à ascensão de Mussolini. (Joshi, 2014, p. 214)

O que torna a opinião de Joshi importante não é apenas o seu rico trabalho biográfico sobre o autor, mas o fato de ser um grande admirador de Lovecraft e um acadêmico respeitado opinando acerca de um tema que o afeta diretamente. Sunand Tryambak Joshi, embora tenha crescido em Illinois e Indiana, nos Estados Unidos, nasceu em Pune, na Índia, em 1958, e sua família se mudou para os Estados Unidos somente em 1963. O racismo de Lovecraft não abrangia apenas pessoas negras. Os indianos, árabes e diversas outras etnias eram vítimas constante de seus comentários racistas.

Joshi se encontra em uma posição curiosa. Enquanto acadêmico, é um renomado estudioso de Lovecraft, um grande especialista na vida do escritor e seu maior biógrafo na atualidade. Enquanto pessoa, faz parte de um grupo que era alvo das críticas lovecraftianas com frequência. Além de não ser estadunidense ou europeu, não é de ascendência europeia nem branco. Embora fosse de se esperar uma crítica mais severa, o pesquisador parece ir por um caminho mais brando. É necessário destacar que foi um dos primeiros a sair em defesa de Lovecraft quando se instaurou a polêmica sobre a entrega de prêmios do *World Fantasy Award* afirmando que havia sido “o pior tipo de correção política”⁴. Joshi se posiciona como um apaixonado por seu ídolo em alguns momentos e, embora procure uma posição mais imparcial quanto ao assunto, parece cair sempre em uma forma de absolvição do conteúdo da obra, tentando destacá-la dos óbvios problemas de seu criador.

A única área do pensamento de Lovecraft que tem – e com justiça – suscitado as mais fortes reações de revolta entre os comentaristas é sua postura em relação à raça. Meu ponto nessa discussão, entretanto, é que tanto Lovecraft tem sido criticado pelas razões erradas quanto, muito embora ele claramente defendia ideias reacionárias, intolerantes, entre outras, e simplesmente erradas cientificamente, seu racismo é pelo menos em termos lógicos separável do resto de seu pensamento filosófico e mesmo político. (Joshi, 2014, p. 405)

Joshi não se posiciona em defesa de Lovecraft como alguém que não perpetuava ideias e práticas abomináveis, no entanto, encontra uma grande paixão na obra do autor e examina cuidadosamente seu posicionamento político, apontando-o com uma certa ignorância de compreensão do que defendia e procurando separar as boas ideias da mitologia lovecraftiana da influência racista.

⁴ “the worst sort of political correctness.”
Para mais detalhes ver: <https://www.theguardian.com/books/2015/nov/11/hp-lovecraft-biographer-rages-against-ditching-of-author-as-fantasy-prize-emblem>

Não tenho qualquer vontade de varrer o racismo de Lovecraft para debaixo do tapete, mas não acho que as muitas e importantes ideias que ele defende como pensador devem ser deixadas de lado devido a sua perspectiva equivocada da ideia de raça. (Joshi, 2014, p. 407)

No entanto, ao procurar separar a obra do autor, Joshi parece se esquecer do conteúdo racista das criações lovecraftianas e de sua influência no desenvolvimento de sua perspectiva filosófica. Além de, no caso da premiação do *World Fantasy Award*, ser uma imagem do próprio escritor e não de sua obra. Assim, acaba defendendo a entrega de um prêmio com o busto de uma pessoa abertamente racista sendo entregue em um evento mundial.

Wouter J. Hanegraaff (2007) propõe que existe um modo de pensamento filosófico-teológico-científico formado por todo um arcabouço histórico de religiões, filosofia e ciências na cultura ocidental que ele chama de “Grande Narrativa Polêmica”. Segundo o pesquisador, Lovecraft se aproveita desse arcabouço para despertar um temor já existente no humano ou que o humano já tem propensão a crer.

É desse reservatório do “outro”, no imaginário coletivo da cultura ocidental, e da cultura iluminista, mais em particular, que Lovecraft extraiu seus materiais básicos. Todas as suas histórias ligadas aos mitos de Cthulhu dependem de seu efeito na presença na mente do leitor de obscuras cadeias de associação baseadas na Grande Narrativa Polêmica. Os monstros “indescritíveis” e os rituais em que são venerados e invocados são constantemente referidos como “abominações” e como “blasfemos”, “profanos”, “desconsagrados” ou “sem deus”: termos que não pressupõem nenhuma crença religiosa por parte do autor ou do leitor, mas são eficazes simplesmente porque invocam os sentimentos de horror inspirados por divindades pagãs e seres demoníacos nas mentes da doutrina cristã tradicional. (Hanegraaff, 2007, p. 98, tradução nossa)

Embora, apresente uma definição bem completa sobre o imaginário coletivo humano que permeia o que nomeia de “Grande Narrativa Polêmica”, desenvolve pouco a parte mais científica e mais racional da formação desse pensamento, procurando uma ênfase maior na parte teológica. Hanegraaff acaba indicando mais os aspectos religiosos em seu artigo, pois seu intuito final é trazer uma articulação entre diversas formas de pensamento esotéricos e niilistas com Lovecraft. Assim, aponta esse arcabouço teórico já presente na mente da civilização por meio de sua tradição filosófica greco-romana e teológica judaico cristã.

A grande narrativa polêmica seria quase uma herança de pensamento que nos é inserida e nos molda de forma que nos deixa propícios a aceitar melhor determinadas narrativas. Obviamente, há de se relativizar um pouco o determinismo por trás de tal definição, pensando, não em termos de moldes, e sim de apropriações culturais e intelectuais que nos rodeiam e nos habitam a uma determinada história e nos apontam algumas possibilidades interpretativas.

Somos criados e vivenciamos uma sociedade desenvolvida a partir de uma série de processos. Passamos por mudanças tecnológicas, sociais, políticas, culturais, morais, éticas, entre outras, que acabam por criar essa grande narrativa polêmica. Sobretudo, um longo período de desenvolvimento epistêmico que se apropria de uma série de noções filosóficas e quebras de paradigmas trazidos por meio de séculos de pensamentos e estudos.

Esse pensamento do humano ocidental perpassa complementos filosóficos eurocêntricos, em sua maioria. O pessimismo cósmico lovecraftiano é altamente influenciado por leituras de Schopenhauer e, principalmente, Nietzsche. Lovecraft tem um ensaio intitulado “Nietzschism and Realism”, em que aborda o niilismo do filósofo de forma muito amadora, apresentando traços de seu pensamento xenófobo em sua interpretação da obra do teórico. Sem desenvolver bem suas noções do niilismo nietzschiano e sua ideia do que ele chama de realismo, o texto se resume mais a uma forma de colocar suas opiniões sobre questões sociais e políticas, embasado por uma tentativa de justificativa filosófica. “Eu acredito em

uma aristocracia, porque eu julgo ser a única agência para a criação daqueles refinamentos que tornam a vida suportável para o humano da alta organização.” (Lovecraft, 1921, p. 1, tradução nossa). Suas opiniões políticas são permeadas por noções altamente racistas que podem ser vistas ao longo do ensaio. “Como a única motivação humana é a ânsia por supremacia, não podemos esperar nada em termos de realizações a não ser realizações premiadas pela supremacia.” (Lovecraft, 1921, p. 1, tradução nossa) A ideia de supremacia de Lovecraft já abre caminho para suas perspectivas raciais, as quais são melhor desenvolvidas ao longo do texto. Já em suas primeiras frases, fica abertamente exposta a primazia de uma forma de aristocracia como pressuposto governamental calcado em um óbvio manifesto de supremacia branca.

Aristocracia e monarquia são mais eficientes em desenvolver as melhores qualidades do ser humano como expressas em realizações de gosto e intelecto; mas levam a uma arrogância ilimitada. Essa arrogância acaba levando a um inevitável declínio e derrota. Por outro lado, a democracia e oclocracia levam também certamente para um declínio e colapso através da falta de estímulo para a realização individual. Elas podem até durar mais, mas isso é porque estão mais próximos a um estágio primal animal ou selvagem pelo qual o homem civilizado, supostamente, parcialmente evoluiu.

Comunismo é característico de muitas tribos selvagens; enquanto anarquia absoluta é a regra entre a maioria dos animais selvagens.

O cérebro do animal humano branco avançou a tal estágio que a igualdade incolor dos animais inferiores é dolorosa e insuportável para ele; isso demanda uma luta individual por condições complexas e sensações que podem apenas ser alcançadas por poucos ao custo de muitos. Essa demanda irá sempre existir, e nunca será satisfeita pois ela divide o ser humano em grupos hostis constantemente batalhando por supremacia, e sucessivamente, ganhando-a ou perdendo-a. (Lovecraft, 1921, p. 1, tradução nossa)

Lovecraft sai em defesa da aristocracia como modelo ideal e identifica o comunismo e a anarquia como algo primitivo, selvagem. Destaca o homem branco como superior e como dolorosa sua aceitação de igualdade a outros que julga inferior. Defende a imposição de supremacia branca como natural ao humano ou como uma batalha que será sempre travada, com possibilidade de vitória ou derrota como um movimento cíclico.

Essa sua opinião é calcada em pressupostos que o acompanham desde a infância e apenas pioram com o crescimento de seu intelecto quando começa a desenvolver suas histórias tendo esses preceitos como fundação. Assim, a criação que recebeu com uma forte inserção de um pensamento conservador de extremo radicalismo se encontra em convívio cada vez maior com diferenças e contribui para um crescente sentimento paradoxal no autor. Sua crença em uma raça superior e seu avassalador medo da diversidade racial que o mundo apresenta eram constantemente aprisionados em resoluções contraditórias e opiniões flutuantes.

Simpatizante do fascismo, como a maioria dos intelectuais do seu tempo, vemos refletir nessa simpatia, o neurótico que precisava de ordem para vencer a sua desordem interior, o homem malsão que necessitava de pureza. Esta, para ele, só existia na raça nórdica, bela e limpa se comparada com os estrangeiros feios e sujos (*sic*) de fala exótica que invadiram seu país. Por outro lado, odiava a violência e a ditadura e desejava ser o que ele chamava de idealista: acreditava na perfeição do homem e da sociedade. (Zacharias, 1996, p. 19)

Envolto em desejos paradoxais de pureza e eugenia contrastando com sua abominação a violência, Lovecraft encontra em seus contos o lugar para refletir seu xenofobismo. Contudo, por mais que tenha simpatizado, inicialmente, com o nazismo, nunca chegou a concordar com sua estrutura de uma forma geral e com suas soluções violentas.

Mas Lovecraft não era um proto-nazista. Ele rejeitava qualquer tipo de governo como um mal inerente. Pessoas bem-intencionadas (incluindo muitos de seus amigos) eram socialistas, ele garantiu, mas ele se considerava um “pessimista e pagão”, incapaz de acreditar na possibilidade de uma solução política. (Buhle, 1976, p. 125-126, tradução nossa)

A opinião de Lovecraft a respeito do Nazismo, assim como suas considerações racistas, foram variando com o tempo. Seu repúdio por violência sempre o manteve mais distante de um maior apoio às ações de Hitler. Sua crença em uma inferioridade das raças não arianas se ancorava em noções herdadas de sua família e alguns preceitos científicos que, com o tempo, conseguiu perceber como ausentes de uma validação e apuração mais concreta.

Mesmo assim, acabou por deixar uma rica obra repleta de traços racistas. Seu medo de outras raças e credos era o seu medo do desconhecido. O autor tinha um indiferentismo que acabava sendo enfatizado por seu medo do diferente. Em um mundo em que essa diferença era cada vez mais vívida, o escritor vê o universo com um olhar pessimista. Um caos de misturas raciais e hibridismos em que seu purismo anglicano acabava perdendo sua supremacia e o obrigava ao convívio com seus temores. Segundo Greg Conley (2017), Lovecraft destacava com seus escritos que as noções morais e éticas da humanidade eram tão ficcionais quanto seus monstros. No entanto, seus contos eram um paradoxal reflexo de suas próprias crenças morais.

Seu racismo, portanto, parece vir da confluência de seu orgulho de sua herança racial e sua inabilidade de competir com as pessoas ao seu redor. Enquanto permanecessem fora do seu caminho, ele aceitaria relativamente – como era com sua própria esposa. O racismo de Lovecraft fez com que ele temesse a mistura e deterioração cultural – Lovecraft era, de fato, um fã de Ernst Haeckel (SLII, p. 160) e acreditava que as culturas poderiam e cairiam por causa da mistura excessiva de culturas díspares.

Em sua exploração da interação de raças e culturas, Lovecraft criou entidades e raças extrapoladas para contrastar com a humanidade. Essas figuras obedecem a códigos que eles construíram da mesma maneira que os humanos constroem os deles, mas esses códigos são alienígenas por causa de sua origem em outro ramo da evolução inteiramente.” (Conley, 2017, p. 12, tradução nossa)

A inspiração para o medo de Lovecraft era a diferença racial. Seu desconhecido era tudo que não se enquadrava em sua familiaridade anglo-saxã. Embora alguns teóricos indiquem o autor apenas como um produto de seu meio, há a importância central da forma como a própria mente do escritor se relaciona com esse meio. A influência de determinadas ideias o moldando, também atesta para a sua propensão em aceitá-las. Alexander Meireles da Silva (2017) propõe o termo “*Homus lovecraftus*” como a episteme central que se encontra por trás da criação da mitologia lovecraftiana. Segundo o autor:

Esta postura, corporificada em personagens recorrentes e atitudes recorrentes, apontam para a presença de um *Homus lovecraftus* que, ao mesmo tempo em que anuncia a inexorável chegada da Modernidade e tenta compreender seu alcance, se revela incapaz de suportar o impacto da mudança sobre sua identidade. (Silva, 2017, p. 47)

O traço marcante da modernidade que Silva aponta não é o caráter tecnológico ou a perspectiva apontada pelos estudos de McLuhan (1977; 2007) ou Jonathan Crary (2012) sobre uma nova forma de visibilidade, utilização dos sentidos e pensamento. Assim como não entra no âmbito desenvolvido no célebre ensaio “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular” de Ben Singer e outros demais textos do livro *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna* (2004), organizado por Leo Charney e Vanessa R. Schwartz. O traço marcante que a modernidade traz como grande influência do desenvolvimento do que o pesquisador chama de *Homus lovecraftus* é a convivência com a diferença. Assim, articula a xenofobia lovecraftiana e sua forma de pensar com o pessimismo

cósmico e investiga a importância de acontecimentos marcantes e o pensamento que o momento em que Lovecraft viveu tiveram no desenvolvimento de sua obra. Traz como uma de suas questões centrais a relação do escritor com o convívio com as diferenças que surgiam.

Na América do mesmo período, uma das manifestações mais visíveis da Modernidade foi a chegada de sucessivas ondas de imigrantes ao país, a ponto de, já na década de 1890, quatro em cada cinco moradores de Nova York serem estrangeiros, a maior taxa do tipo em qualquer outra cidade do mundo da época. (Silva, 2017, p. 48)

A diferença que os imigrantes e negros ofereciam a Lovecraft provocava suas mais profundas inquietações e temor e eram, possivelmente o cerne de seu racismo e uma das estruturas mais essenciais de seu horror ao desconhecido. Temas como o medo do contágio eram recorrentes em seus contos e podem ser consideradas metáforas de seu medo de mistura racial. “Talvez o maior receio do *Homus lovecraftus* seja justamente ver sua identidade contaminada por esses indivíduos.” (Silva, 2017, p. 63) Em seus contos, a pureza é tão importante quanto sua crença eugênica. Os alienígenas, assim como os estrangeiros representavam “a face mais visível da extensa mudança em curso na sociedade norte-americana que ameaçava a estrutura social vigente desde a colonização puritana em fins do século dezessete e que se chocava com sua personalidade ligada a tradições.” (Silva, 2017, p. 50)

Lovecraft passava para seus contos todos os seus temores. Seus personagens representavam sua própria *persona* em um nível mais fantasioso, com seres alienígenas e monstruosos metaforizando pessoas de diferentes origens, raças e credos. O medo que seus narradores encontravam do desconhecido seria o medo de Lovecraft perante a diversidade.

No entanto, o mundo lovecraftiano ligado aos mitos de Cthulhu não apenas resiste à racionalização, mas também demonstra a incapacidade do pensamento iluminista em controlá-lo. Seja tentando entender as estranhas escrituras de um monólito em uma ilha desconhecida no meio do Oceano Pacífico ou testemunhando o crescente número de imigrantes chineses em bairros antes ocupados exclusivamente por americanos de origem anglo-saxônica o *Homus lovecraftus* se percebe inseguro diante da realidade a sua frente. (Silva, 2017, p. 51)

A ideia apresentada por Alexander Meireles da Silva acerca de um *Zeitgeist* (como o próprio autor gosta de destacar) que marca a modernidade em relação ao pavor de uma possível invasão estrangeira – em que se encontram todos os não anglo-saxões – é essencial para o desenvolvimento do universo lovecraftiano. “Tomando como base o olhar de H. P. Lovecraft sobre o perfil dos imigrantes que chegavam à Nova York pertencente a diferentes nacionalidades e culturas, não se pode subestimar a importância do elemento racial na teratologia lovecraftiana.” (Silva, 2017, p. 59-60)

Contudo, ao final de seu ensaio, destaca o insucesso de Lovecraft em lidar com a diferença como algo que acaba por dificultar sua vida de uma forma geral e leva seus personagens à loucura. O *Homus lovecraftus*, que seria um sintoma do próprio autor visto por meio de seus narradores, acaba falhando em sua tentativa de “manter suas tradições e valores em meio a um mundo em rápida transformação devido ao discurso racionalista e a rápida e tensa incorporação de olhares diversos.” (Silva, 2017, p. 66)

O *Homus lovecraftus* falha em se relacionar, segundo Silva. Entretanto, o artigo não aborda o êxito em disseminar uma mensagem racista com ajuda de seus escritos. Se, por um lado, suas criações prestam um serviço epistemológico trazendo questões mitológicas, metafísicas, literárias, filosóficas, entre outras, por outro lado elas têm um complicado lado de propaganda supremacista branca. Na maioria das vezes, essa propaganda se dá por intermédio de mensagens subliminares, com poucas referências diretas mais explícitas. Todavia, isso não o exime de sua responsabilidade. Não o faz ser um ingênuo produto de seu tempo ou um artista brilhante acima de

críticas e reprovações. Lovecraft deve continuar sendo estudado e utilizado das mais variadas formas, mas seu racismo também deve ser debatido e questionado.

O racismo lovecraftiano contido em suas obras é evidente, embora utilizado por meio de metáforas e de seu pessimismo cósmico. Apresenta momentos mais descritivos em que abertamente escreve suas opiniões xenófobas em seus contos ou em suas cartas e ensaios. Isso aponta para uma transparência que deixa exposto seu racismo em suas histórias e biografia. No entanto, enquanto a presença de tais mensagens é mais visível em Lovecraft, há uma longa história nos contos de horror e ficção científica de apontar um sentimento de desconfiança, medo ou aversão ao diferente. A ideia de monstro parte de um padrão de normatividade humano, predominantemente eurocêntrico, judaico-cristão, patriarcal e heteronormativo. A figura monstruosa e o alienígena costumam absorver características consideradas erradas por uma sociedade dominante.

Se o Mal é algo a ser combatido, reprimido, expulso, segregado, marginalizado, impossível não perceber na tentativa de supressão desses seres uma forma de controle e, por isso, um exercício político. Enquanto produto da diferença, a entidade monstruosa provoca o desregramento de uma norma comunal, perturba a coesão de um domínio social coletivo e gera uma forte sensação de ameaça à ordem. A força dramática da aparência não normativa, produto do excesso e da exceção, admite, portanto, uma reação agressiva e defensiva contra aquilo que se rejeita. O sentimento de aversão, o discurso da violência, e o mecanismo da domesticação acabam por constituir formas de controle das transgressões. Nesse âmbito, o ser alienígena ou extraterrestre, por sua representação ficcional associada ao espaço desconhecido, excêntrico aos universos já mapeados, frequentemente ganha os contornos de uma entidade maligna, inimiga e invasora do planeta Terra.

A figuração típica do alienígena se defronta com questões radicais de alteridade – aquele que vê, percebe o Outro como exótico, estranho ou monstruoso. (Markendorf, 2017, pp. 399-400)

O padrão moral de Lovecraft mostrava uma aversão, ou até um medo do desconhecido, mas um desconhecido bem terreno. Assim, utiliza o desconhecido em seus contos como o desconhecido em sua vida. Afinal, qual seria, em última instância, o medo do homem branco, heterossexual, colonizador no espasmo de uma crise econômica e no meio de uma cidade repleta de uma ampla diversidade como Nova Iorque?

Mas tal posicionamento reprovável de Lovecraft está até mais entranhado em nossa cultura do que a mera vivência do autor. Na verdade, uma tradição eurocêntrica, judaico-cristã, heteronormativa e patriarcal está inserida de forma bem mais intrínseca em nossa sociedade. O próprio pensamento é moldado a partir de um lugar de fala privilegiado.

Ou seja, reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. Segundo a autora, o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal). Essa reflexão de Léia Gonzalez nos dá pista sobre quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são. (Ribeiro, 2017, p. 24-25)

Todo pensamento ocidental é construído por um viés do privilegiado. Uma epistemologia do colonizador. Sem ouvir as vozes negras, indígenas, femininas, trans etc., somos formatados por um padrão dominante epistêmico. Moldados pelo pensamento greco-romano, judaico-cristão que se perpetua em uma filosofia francesa, anglicana, germânica, italiana, enfim, eurocêntrica, passando por uma recente influência norte-americana ignorando as outras demais vozes. Em *Pensar*

Nagô (2017), Muniz Sodré apresenta como o pensamento ocidental foi marcadamente moldado por uma perspectiva judaico-cristã eurocêntrica, ignorando outras tradições de pensamento. Lovecraft não foi apenas um produto do seu meio supremacista branco, foi também um produto de toda uma tradição de pensamento eurocêntrico judaico-cristão e patriarcal. Sua visão de mundo era distorcida e não apresentava espaço para outras perspectivas e outros lugares de fala. Não apenas um problema daquela época, mas um assunto urgente que prevalece até hoje.

Considerações Finais

Ao apontar a diferença como preocupante, o pessimismo cósmico lovecraftiano envolve o escritor em mais um de seus paradoxos. Quem seria o verdadeiro *outsider*? Seria o desconhecido, o diferente, e, conforme a visão de Lovecraft, tudo que foge a seu padrão branco, eurocêntrico (sobretudo anglicano), heteronormativo, cis? Ou seria o próprio autor, que não consegue lidar com o mundo?

Lovecraft se coloca como um *outsider* por não saber lidar com o mundo, por sua própria limitação de convivência. Seu poderoso Cthulhu não é o desconhecido que ameaça dominar o mundo, mas o próprio escritor, adormecido em uma época passada, preso à conceitos errôneos.

Por não conseguir perceber seus equívocos, criou um panteão teratológico que metaforiza um perigo do diferente, mas acabou se aprisionando em seus conceitos xenófobos. Seu medo acabou tornando-o seu próprio monstro, preso em suas ideias, esperando que as estrelas se alinhem. Aparentemente, a aniquilação do humano é mais atrativa do que a xenofobia lovecraftiana, pois Cthulhu renasceu em nossa cultura, enquanto o pensamento supremacista do escritor continua adormecido em sua obra.

Nos apropriamos do pessimismo cósmico sem a perspectiva xenófoba que ela porta em seu desenvolvimento. Esperamos, de forma otimista, que suas ideias equivocadas não tenham a mesma apropriação na cultura. Lovecraft não inova em suas noções supremacistas raciais, apenas embarca em uma longa tradição de desigualdade, injustiça e intolerância da humanidade. Por isso, esse aspecto de suas criações não é inovador, é apenas uma reprodução de um longo discurso de dominância e injustiça.

O verdadeiro horror encontrado em sua escrita não dialoga com um universo desconhecido e sim com algo que vemos em nosso cotidiano. Não um segredo oculto do cosmos e sim atos que são vistos historicamente em nossa humanidade. Talvez esse lado seja tão verdadeiro que o pessimismo cósmico lovecraftiano seja, na verdade, uma forma de retribuição cósmica. Não seria melhor exterminar uma raça que procura se colocar como superior a outras, sendo que é, na verdade, apenas algo insignificante em um universo muito maior? Suas deidades seriam nosso carma? Infelizmente não. Apenas uma criação racista que parece ser apropriada de forma muito mais interessante do que como foi realmente concebida originalmente.

Referências

Buhle, P. (1976). Dystopia as Utopia: Howard Phillips Lovecraft and the unknown content of american horror literature. *Minnesota Review*, 6, 118-131.

Crary, J. (2012). *Técnicas do Observador: Visão e Modernidade no Século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Conley, G. (2017). Lovecraft's Terrestrial Terrors: Morally Alien Earthlings. *Revista Abusões*, 4(4), 7-43.

Green, M. (Criadora); Peele, J. & Abrams, J. J. (Produtores). (2020) *Lovecraft Country* [Série]. HBO.¹

- Hanegraaff, W. J. (2007). Fiction in the Desert of the Real: Lovecraft 's Cthulhu Mythos. *Aries*, 7, 85-109.
- House, W. (2017). We Can't Ignore H. P. Lovecraft's White Supremacy: lovecraftian narratives of race persist in contemporary politics. *Literary Hub*. Recuperado de: <https://bit.ly/3Jiyh1b>.
- Joshi, S. T. (2014). *A Vida de H. P. Lovecraft*. São Paulo: Hedra.
- Lovecraft, H. P. (2011). The Complete Works of H. P. Lovecraft. *CthulhuChick.com*. Recuperado de: <https://bit.ly/3DicBbv>
- Lovecraft, H. P. (1921). Nietzscheism and Realism. *Hplovecraft.hu* Disponível em: https://www.hplovecraft.hu/index.php?page=library_etexts&id=625&lang=angol
- Markendorf, M. (2017). O Inimigo Sideral: A monstruosidade nas ficções cinematográficas com seres alienígenas. *Revista Abusões*, 4(4), 388-432.
- McLuhan, H. M. (1977). *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Nacional.
- McLuhan, H. M. (2007). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.
- Münchow, T. (2017). Transgressing the Myth – H.P. Lovecraft's Philosophy of Life and its Narrative Execution. An Essay. *Disputatio philosophica*, 19(1), 38-49.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento.
- Silva, A. M. (2017). O Homus Lovecraftus contra a modernidade. *Revista Abusões*, 4(4), 44-68.
- Singer, B. (2004). Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In L. Charney & V. R. Schwartz (Orgs.), *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna*. São Paulo: Cosac Naify.
- Sodré, M. (2017). *Pensar Nagô*. Vozes.
- Zacharias, A. C. (1996). Os Mitos de Cthulhu. *Revista Megalon*, 42.